

## RESENHA

**SANTOS, JOSÉ VANDILO DOS. QUILOMBOLAS DO TALHADO: IDENTIDADE E FRONTEIRAS ÉTNICAS NO VALE DO SABUGI – PB. CAMPINA GRANDE: EDUEPB, 2023. 193 P.**

*Uma leitura a partir de um olhar quilombola*

María Janaína Silva dos Santos  
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
E-mail: [janainasantospb@hotmail.com](mailto:janainasantospb@hotmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, Número 17, 2024, e01715, p. 1-13.

ISSN 2447-9837



O livro *Quilombolas do Talhado: identidade e fronteiras étnicas no Vale do Sabugi – PB*, de José Vandilo dos Santos é uma publicação a partir de sua dissertação de mestrado de 1998, com atualização em 2023. Traz aspectos interessantes a respeito dos Talhados (Rural e Urbano de São José e Monte São Sebastião), com análises relevantes sobre a comunidade vizinha, Pitombeira, em Várzea-PB, fazendo uma contextualização acerca do Talhado e a relação deste com a cidade e comunidades vizinhas. O livro propõe uma análise da identidade étnica da comunidade rural negra do Talhado, situada em Santa Luzia, Paraíba, e da ramificação dessa comunidade, com destaque para a dinâmica da identidade em um contexto de migração, confrontando a memória social do isolamento com a experiência urbana e as tensões interétnicas.

Nesse sentido, analisarei o livro com um olhar de dentro para fora, pois pertenço à comunidade Quilombo do Talhado. A maioria dos protagonistas entrevistados pelo autor estão diretamente ligados a mim, a partir da árvore genealógica que tem Zé Bento como fundador do território quilombola rural no século passado. Sou Maria Janaína, neta de Sebastião Braz, Bisneta de Rita Preta, sobrinha de Céu, filha da pedagoga Gilvaneide e do ex-professor do projeto Mobral, Manoel Divalci. Todos estes personagens que aparecem na narrativa de José Vandilo dos Santos, na dissertação de 1998 e livro publicado em 2023, são também meus parentes. Além de outros que dão vida à escrita, pois embora não estejamos diretamente ligados por laços sanguíneos, residem no talhado e temos um ancestral em comum.

Sou quilombola, pesquisadora, assistente social, mestre em política social pela UFPB (2015) e doutoranda em Ciências Sociais pela UFRN, pesquiso sobre cultura, complexidade e territórios quilombolas e relações étnico raciais, e estou com uma pesquisa em curso sobre os Quilombos do Talhado vistos de dentro para fora. Trata-se de uma pesquisa auto etnográfica, e o convite para resenhar a obra intitulada *Quilombolas do Talhado: identidade e fronteiras étnicas no Vale do Sabugi – PB*, uma atualização de uma pesquisa escrita em 1998, me encheu de entusiasmo, ao me proporcionar a possibilidade de expressar outros pontos de vistas e poder colocar minhas impressões enquanto oriunda deste território e ao mesmo tempo atuar como pesquisadora do mesmo.

Em um primeiro momento, observa-se que o ponto forte do livro é a abordagem que contextualiza histórica e geograficamente a pesquisa, descrevendo a trajetória da comunidade, sua localização e o processo de migração. Focando na experiência cotidiana da população, concentra-se nas práticas e valores do cotidiano, buscando entender como a identidade é construída e reconstruída nas relações interétnicas.

O estudo que originou o livro reconhece a complexidade da identidade, explorando a influência da produção de cerâmica, as formas de organização social, os



aspectos simbólicos e a relação com o poder público. Com uma abordagem crítica, o livro explora as tensões interétnicas e a discriminação sofrida pela comunidade, questionando a origem dos estereótipos negativos e a percepção de alteridade. A pesquisa destaca o valor da história da comunidade, referenciando estudos anteriores e reconhecendo a importância do filme *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha, como um registro importante da história do Talhado.

As questões exploradas abordam a definição do conceito antropológico de “identidade étnica”. A pesquisa poderia ter aprofundado a discussão sobre a definição de “identidade étnica” no contexto da comunidade do Talhado, explorando as diferentes perspectivas e desafios ao longo de sua construção. O livro menciona também as “formas de resistência” da comunidade, embora pudesse ter detalhado como essas formas se manifestam na prática, além de analisar o significado e a eficácia da resistência nesse contexto. É possível compreender essa resistência por parte da população, por exemplo, no caso das louceiras que resistem à modernização, com sua arte de fabricar peças de barro. Notamos a manutenção do fabrico das panelas de barro tanto na narrativa da dissertação em 1998, quanto na visita do autor em 2023, que relatam que as mulheres continuam a fabricar conforme suas ancestrais lhe ensinaram.

Se fizermos a análise da comparação que o autor faz entre o Talhado e a comunidade da Pitombeira, comunidade quilombola localizada no município de Várzea-PB, à 13 km da cidade de Santa Luzia-PB (onde se localiza o quilombo do Talhado), este ressalta que essas duas comunidades têm ancestrais em comum e que os fundadores dessas duas comunidades são irmãos.

A leitura sobre as análises dessas duas comunidades é interessante, mas o livro poderia ter se aprofundado na análise das diferenças e semelhanças existentes entre as duas comunidades em relação à construção da identidade, à relação com a cidade e às formas de organização social destes ancestrais em comum. Compreendo que na época da escrita da dissertação, a comunidade era bem fechada e resistente a tais questões, e que apenas alguns membros davam abertura para abordar o tema. Por isso, é possível dentro deste contexto, compreender como o livro aborda a relação da comunidade com o poder público em 1998, pois tal diálogo não era tão aberto como nos dias atuais, em que é possível incluir as dinâmicas internas da comunidade e as desigualdades existentes para acesso às políticas públicas.

O livro em questão nos oferece um retrato complexo e multifacetado da origem da comunidade do Talhado, baseado em relatos orais e perspectivas divergentes. A falta de documentos comprobatórios deixa a história permeada por mistérios e diferentes interpretações, resultando em uma narrativa cheia de nuances. A Tradição



de José Carneiro Bento é uma destas versões, bem consolidada, que aponta para um escravo alforriado, José Carneiro Bento, ou, simplesmente, Zé Bento – a versão contada pelos moradores não é precisa sobre se ele era, ou não, alforriado, embora o reconheça como ancestral comum da comunidade. Ele teria chegado ao Talhado em meados do século passado, trazendo consigo a influência de outras regiões do nordeste, como o Piauí. Essa versão se sustenta em relatos de moradores mais antigos, mas carece de documentação formal, o que é possível verificar em pesquisas posteriores, embora a oralidade seja considerada como veracidade em uma pesquisa etnográfica.

Esta mesma pesquisa traz, ainda, uma segunda versão, defendida por Jeová Batista, que enfatiza a ascendência indígena dos moradores do Talhado, respaldada em costumes, linguagem e características físicas. Essa hipótese, embora presente em falas de pessoas de fora da comunidade, busca fugir ao estigma da escravidão.

História de Zé Bento e a relação com a cerâmica, relatada por Cavalcanti (1975), por sua vez, destaca que ele era um agricultor e carpinteiro que se mudou da Pitombeira para o Talhado em busca de madeira. Sua esposa, ao encontrar barro de qualidade, iniciou a tradição da cerâmica, transmitida de geração em geração. Essa versão, apesar de apresentar uma linha temporal e atividades específicas, não aborda a origem do próprio Zé Bento e sua relação com a comunidade. A comunidade do Talhado, conforme as narrativas da pesquisa, foi formada por uma mistura de influências, incluindo a presença de negros alforriados, indígenas e moradores de outras regiões. As diferentes versões sobre a origem do Talhado refletem a complexa história da formação do povo brasileiro, marcada pela miscigenação e pelas diversas culturas que se encontraram e se fundiram.

Na pesquisa de Vandilo, é possível perceber que os moradores do Talhado são cautelosos ao falar sobre a origem de seu povo, devido as promessas não cumpridas no passado. Os mais velhos, que possuem conhecimento sobre a origem da comunidade, estão falecendo. Alguns entrevistados explicam que os mais velhos não querem falar sobre o assunto devido às decepções anteriores. A versão mais comum é que Zé Bento Carneiro, carpinteiro da Pitombeira, foi o primeiro habitante do Talhado. Ele trabalhava com madeira e vendeu a Pitombeira pelo Saco, subindo a serra para morar e deixando a terra para seus descendentes. A importância da terra é enfatizada pelos moradores, sendo considerada uma herança fundamental que garantiu a sobrevivência do quilombo. Apesar de Zé Bento trabalhar com madeira, essa atividade não se tornou tradicional na comunidade, onde a cerâmica é, atualmente, a principal atividade artesanal.

O autor traz pesquisa de Cavalcanti (1975), que cita, por exemplo, que, em



julho de 1973, a população do Talhado era de 458 habitantes, com 76 homens, 83 mulheres, 143 meninos e 156 meninas. Em 1981, havia cerca de 800 pessoas no local. Atualmente, a comunidade possui duas escolas, uma desativada e outra com aproximadamente 70 alunos. Existe um posto médico, que raramente funciona, próximo à casa do Sr. Sebastião Braz. Em 1996, Santa Luzia tinha uma população urbana de 11.705 habitantes, e uma população rural de 1.568 habitantes. Em agosto de 1998, o Talhado tinha 151 habitantes, divididos em 40 famílias, com a população residente na cidade estimada em mais de mil pessoas. Estes números não condizem com a realidade atual do quilombo do Talhado, hoje que se encontra com pouco mais de 06 famílias, realidade diferente de quando o autor esteve na comunidade.

O livro apresentado oferece uma rica descrição da organização social do Talhado, com foco nas relações de parentesco e na figura do chefe. Nesse sentido, o Talhado é um exemplo de comunidade que se estrutura a partir de laços de parentesco fortes, a uxorilocalidade, e a percepção da comunidade como uma grande família demonstram a importância do parentesco na vida social do grupo. No entanto, o livro também evidencia a existência de mudanças e tensões, como a presença de casamentos com pessoas de fora, que desafiam os padrões tradicionais e revelam a dinâmica complexa da organização social do Talhado.

O livro descreve a vida em uma comunidade rural, evidenciando diversos aspectos socioculturais, econômicos e relacionados à organização da comunidade. A comunidade parece ter uma identidade complexa, com membros que se identificam ou se recusam a se identificar como *talhadinos* em diferentes momentos, dependendo do contexto social e da posição individual. Isso demonstra a existência de nuances e conflitos dentro da identidade grupal.

A discriminação sofrida pela comunidade em relação ao exterior é um fator que impacta as relações internas, levando alguns membros a negarem sua origem para evitar o estigma. A “manipulação da identidade” é uma estratégia de proteção e sobrevivência, evidenciando a complexa relação entre pertencimento e desejo de ascensão social.

A escassez de recursos, a falta de água, trabalho e infraestrutura básica como escolas e transporte, marcam a vida da comunidade, contribuindo para a dificuldade de ascensão social. A persistência das dificuldades gera uma sensação de frustração e espera por melhorias que parece não se materializar. O livro discute o desejo por uma vida melhor em contraste com a realidade de pobreza e isolamento.

O autor menciona a presença de pessoas da comunidade que tiveram contato com o mundo exterior, mas não discute o impacto desse contato na cultura e no modo de vida da comunidade. Destaca a chegada da energia elétrica como um marco



positivo, mas não discute as limitações da ação do Estado e a importância de políticas de desenvolvimento socioeconômico para a comunidade. Embora seja possível verificar que a maioria dos moradores do Talhado vive da aposentadoria dos mais velhos e de favores de parentes, políticos e amigos, o texto indica uma situação de vulnerabilidade econômica, com poucas oportunidades de trabalho formal. A dependência de ajudas externas revela uma realidade de escassez de recursos e fragilidade da economia local. O cotidiano gira em torno da unidade familiar, sugerindo que o trabalho e a renda são compartilhados entre os membros da família em um contexto comunitário. A divisão tradicional de tarefas, com os homens na agricultura e as mulheres na cerâmica, reflete um modelo social enraizado na comunidade.

A produção de milho, feijão e algodão representava a base da agricultura local. No entanto, a diminuição do cultivo de milho e a venda do algodão para fora da comunidade sugerem uma mudança na dinâmica econômica, talvez por falta de mercado local ou competitividade. A produção de feijão para consumo próprio indica uma estratégia de subsistência, buscando garantir o alimento básico.

A menção à busca por água “ao pé do rádio” indica que o acesso à água potável é um problema. A falta de infraestrutura básica e a dependência de métodos tradicionais demonstram um nível de desenvolvimento precário. Embora tenham se vivido um contexto de modernidade, a televisão por exemplo em 1998, era um bem que poucos moradores podem comprar, evidenciando o baixo poder aquisitivo e a dificuldade de acesso a tecnologias modernas.

O autor retrata uma comunidade rural tradicional, com uma economia fragilizada e dependente de aposentadorias e ajudas externas. A agricultura, embora presente, está em declínio, enquanto a produção de cerâmica representa uma atividade artesanal que pode gerar renda. O acesso à água e à tecnologia é limitado, revelando um cenário de pobreza e desenvolvimento insuficiente. A frase “a esperança num inverno é primordial” proferida por parte dos moradores em entrevistas, indica que a situação é tão crítica que a mera possibilidade de um período de chuvas, crucial para a agricultura, é vista como um raio de esperança. A falta de incentivos governamentais, como investimentos em infraestrutura, tecnologia e políticas de crédito, é apontada como um dos principais motivos para o abandono da atividade e a migração. O êxodo rural, se intensifica anos de 1990 e se perdura até os dias atuais, representado pela frase “o povo está indo embora para a rua” evidencia a falta de alternativas e o desespero da população.

O trecho apresentado acima, descreve a situação de escassez de água na comunidade do Talhado, agravada pela seca recente e pela inoperância do poço e do cata-vento. As medidas emergenciais adotadas pelo Governo, no final dos anos 1990





começo de 2000 como a distribuição de cestas básicas e o pagamento de R\$ 80,00 para os trabalhadores que melhoram a estrada, demonstram a preocupação com a situação da comunidade. A localidade tem grande presença de casas de taipa, um tipo de construção tradicional e ainda presente na comunidade, mas que vem sendo, ainda que de forma bem lenta, por falta de recurso, substituída por casas de tijolos. Essa mudança reflete a busca por moradias mais resistentes e a dificuldade em encontrar madeira para a construção de casas de taipa.

O autor traz uma interessante descrição da tradição da cerâmica no Talhado, evidenciando sua importância social e econômica, além de destacar a mudança na prática da cerâmica ao longo do tempo. Vale destacar os pontos principais, tendo a cerâmica como tradição e sustento.

A cerâmica era uma atividade tradicionalmente feminina, que desempenhava um papel crucial na renda familiar, especialmente quando a agricultura não era suficiente. A produção era focada na venda, com as mulheres do Talhado transportando suas peças para a feira em Santa Luzia. O processo de produção era familiar, transmitido de geração em geração, com as meninas aprendendo a técnica desde cedo.

Ao referir-se à evolução da produção e do comércio, o autor demonstra a transformação do transporte utilizado pelas louceiras, do jumento para o jipe ou caminhonete, evidenciando uma modernização gradual. A produção de cerâmica para venda diminuiu significativamente, com a maioria das peças sendo produzidas para uso próprio. O surgimento de utensílios de alumínio, mais baratos e práticos, é apontado como um fator crucial para a queda no comércio da cerâmica artesanal.

Apesar da diminuição da produção, a cerâmica ainda é praticada por algumas mulheres no Talhado, revelando um desejo de preservação da tradição. O texto destaca a figura de Bá de Ventura, uma ceramista que mantém a tradição viva, revelando a importância de valorizar e preservar esse saber ancestral.

Nos anos de 1990 com o êxito rural, é possível ver o autor retratar a diminuição da produção da cerâmica no Talhado, o que reflete um cenário comum em diversas comunidades artesanais, onde a concorrência com produtos industrializados e a falta de incentivos podem levar à extinção de práticas tradicionais. A importância da preservação da cerâmica como patrimônio cultural e da valorização do trabalho artesanal é crucial para garantir a sobrevivência dessa atividade.

Em suma, a análise da obra sobre a cerâmica no Talhado oferece um retrato da transformação de uma atividade ancestral, evidenciando as mudanças no modo de produção, no mercado e na própria vida das mulheres que a praticam. O texto nos convida a refletir sobre a importância de preservar a tradição e o valor do trabalho artesanal em um mundo cada vez mais industrializado. A cooperativa do Talhado,



nesse contexto, surge como um instrumento de organização e reivindicação, buscando melhores condições de vida para os moradores do Talhado.

É evidente a exploração da situação de vulnerabilidade da população pelo poder político, que se aproveita da pobreza e da falta de informação para garantir seus interesses. A chegada da energia elétrica e a construção de uma barragem são exemplos de conquistas obtidas pela cooperativa, demonstrando o seu poder de ação e a importância da organização comunitária.

A esperança depositada na segunda fase da expansão da energia elétrica, a ser realizada pela cooperativa, demonstra a confiança da comunidade na organização para a realização de seus objetivos. O autor demonstra que a organização e a reivindicação coletiva são ferramentas essenciais para a conquista de direitos e para a busca por melhores condições de vida. A história da cooperativa do Talhado nos mostra que a união e a organização popular podem ser instrumentos de transformação social, combatendo a desigualdade e a manipulação política.

Por outro lado, o autor aponta a importância das festas e da associação para manter a união entre os moradores do Talhado, tanto os que vivem na cidade quanto os que permanecem na serra. A tradição de tocar sanfona, transmitida de geração para geração, destaca-se como um elemento central da cultura local. A figura de Títico, um sanfoneiro renomado, evidencia a importância da sanfona como parte da identidade do Talhado. No entanto, a sua queixa sobre a falta de um “filho-homem” para perpetuar a tradição revela um preconceito de gênero. A ausência de mulheres sanfoneiras no Talhado reforça a ideia de que a música é um domínio masculino. A crença de que as mulheres não podem tocar sanfona revela um preconceito enraizado

A possibilidade de transformar a música em uma atividade profissional, com um grupo de forró, sugere uma oportunidade de gerar renda e fortalecer a tradição musical local. A sanfona é uma tradição importante no Talhado, transmitida de pai para filho. As festas, especialmente o São João, são importantes para os sanfoneiros, oferecendo a oportunidade de ganhar dinheiro.

O autor descreve também o movimento migratório, que se intensifica nos anos de 1990, da comunidade do Talhado, localizada em uma região rural, para a cidade de Santa Luzia, motivado principalmente pela seca e pela busca por melhores condições de vida. A seca recorrente e as dificuldades da vida rural impulsionam a migração para a cidade. O autor identifica uma mudança no padrão migratório, antes predominantemente masculino e temporário, para a migração de famílias inteiras que se fixam na periferia da cidade.

O Impacto social, com o aumento do contato entre os moradores do Talhado





e a população urbana, principalmente branca, levanta a questão dos problemas étnicos e raciais. Apesar das dificuldades enfrentadas no Talhado, muitos moradores permanecem na região, enquanto outros migram temporariamente, com a esperança de retornar quando as condições melhorarem. A migração pode ser vista como uma oportunidade de intercâmbio cultural e aprendizado, com a troca de experiências e saberes entre diferentes grupos. As lembranças da terra natal e o desejo de retorno coexistem com a busca por uma vida melhor na cidade, criando uma dualidade na experiência migratória.

O autor enfatiza a fixação dos migrantes do Talhado na periferia de Santa Luzia, e em decorrência dessa imigração observamos de forma evidenciada as desigualdades étnicas e raciais. As estratégias de adaptação e resiliência, como os migrantes do Talhado se adaptam às novas realidades da cidade, e quais as estratégias que desenvolvem para lidar com as dificuldades, são reflexões levantadas pelo autor.

A análise aprofundada do contexto, das motivações e dos impactos da migração permite uma melhor compreensão das dinâmicas sociais, culturais e econômicas presentes nesse processo.

A maior parte da migração se deu para o Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo). Essa migração, embora não seja o foco principal da obra, é mencionada como um dos fatores que contribuem para a dissolução da comunidade. Tratando desta migração campo/cidade próxima, o autor se aprofunda nesse tipo de migração, mostrando como o fluxo inicial para a feira da cidade se transformou em uma migração permanente, com a formação de um bairro, o São José, habitado pelos *talhadinos*.

Um aspecto relevante trazido pelo autor é o papel das mulheres na manutenção da comunidade, com sua arte. O texto destaca o papel das mulheres na manutenção da comunidade, impedindo a migração dos homens. Santos (1998), em sua dissertação de mestrado traz a autora, Cavalcanti (1975), como referência para entender a fragilidade dessa estrutura, e a possibilidade de dissolução da comunidade, sobretudo com a influência das mudanças sociais e culturais e o processo de migração.

O acesso à televisão e a outras informações provocou uma mudança significativa no modo de pensar e ver o mundo por parte dos *talhadinos*, desafiando a cultura e os costumes tradicionais. O autor traz em sua discussão a vulnerabilidade do povo do Talhado, levando-os a engrossar as periferias de Santa Luzia, com o risco de favelização.

O texto compara os costumes e valores de Santa Luzia com os do Talhado, reconhecendo as dificuldades que os *talhadinos* enfrentam em um novo contexto, mas também as oportunidades que a cidade oferece, como projetos da Prefeitura e



a facilidade de vida, expressas pela fala de Dona Rita Preta, que tem o Galpão como espaço de trabalho, junto às mulheres da comunidade.

A pesquisa apresenta, portanto, um retrato da complexa situação do povo do Talhado, marcada por migração, modernização, transformação cultural e vulnerabilidade. A migração para Santa Luzia, ainda que com desafios, representa um novo capítulo na história do povo do Talhado, com a possibilidade de novas oportunidades.

O autor examina e a forma como os imigrantes do Talhado se organizam no espaço urbano, demonstrando como a comunidade mantém, em certa medida, suas características e relações sociais do meio rural, mesmo em um ambiente urbano.

Nesse sentido, temos uma diferenciação espacial, já que o Talhado urbano se divide em dois grupos dentro de Santa Luzia: um no Bairro São José, ligado à produção de cerâmica no Galpão; e outro no Monte São Sebastião, com atividades mais diversificadas.

Mantendo os laços de ancestrais comuns apesar da migração, os laços de cooperação e solidariedade entre os *talhadinos* permanecem fortes, com destaque para a organização da produção de cerâmica e a manutenção de relações de parentesco. Já o grupo que se fixou no Monte São Sebastião sofre dupla marginalização, sendo visto como “beberrões vagabundos” por parte da população de Santa Luzia.

As casas construídas pelos *talhadinos* na cidade seguem padrões semelhantes às do meio rural, com construções em taipa, telhas e falta de conforto. As mulheres do Monte São Sebastião preferem trabalhar em casa, evitando o Galpão por conta dos custos de deslocamento. O contato com a população da cidade e os casamentos mistos estão abrindo caminho para a integração social, mas o processo é lento.

A organização social do Talhado em Santa Luzia se mantém semelhante à do meio rural, com forte presença de laços de parentesco e solidariedade. As diferentes atividades e a divisão espacial dentro da cidade demonstram a capacidade de adaptação do grupo, mas com resistências em relação a alguns elementos do ambiente urbano. A marginalização e a falta de acesso às oportunidades, especialmente para o grupo do Monte São Sebastião, representam um desafio para a integração social e econômica.

O autor destaca que, apesar de algumas similaridades, a vida na periferia urbana apresenta nuances próprias. A adaptação ao espaço urbano se dá de forma gradual, mantendo elementos da cultura rural, mas também enfrentando desafios como a marginalização e a dificuldade de acesso a oportunidades. Há obstáculos a serem superados

Alguns pontos levantados detalham a organização comunitária, na qual a vida em comunidade é central, com conversas sobre estratégias de sobrevivência no Gal-



pão, local de trabalho e ponto de encontro. Citando os aspectos semelhantes entre o urbano e o rural, a dependência da comunidade e a busca por estratégias de sobrevivência são características comuns. A vida na periferia urbana oferece acesso a mais recursos, como a possibilidade de obter ajuda de outras pessoas, o que a torna mais dinâmica.

Sob a ótica da obra de Vandilo, a periferia urbana se apresenta como uma realidade desafiadora, mas também rica e com potencial para o desenvolvimento pessoal e social. A comunidade se torna um importante ponto de apoio, e a troca de favores e a convivência com diferentes pessoas ampliam a visão de mundo dos moradores.

As relações entre as comunidades quilombolas do Talhado e da Pitombeira no Vale do Sabugi não eram amistosas, não havia cooperação, convivência comum ou integração. Isolados na serra, os negros do Talhado cultivavam o isolamento (a cultura do afastamento), tendo pouco contato com os negros da Pitombeira, já que as relações na cidade eram mínimas – apenas por ocasião da feira do sábado, onde vendiam a cerâmica produzida no sítio e faziam as compras da feira semanal. Se, de um lado, encontramos resistência dos negros do Talhado em se relacionarem com os negros da Pitombeira, como também com os brancos da cidade, do outro, temos os negros da Pitombeira como os mais integrados com as pessoas de Santa Luzia, chegando a serem considerados “morenos”, cordiais. É difícil afirmar, ao certo, os motivos e a origem dessa diferenciação. Uma das explicações para esse fato é que os negros da Pitombeira realizam a festa do Rosário e, através dessa festa, teriam conquistado a simpatia do povo branco na cidade, que sempre participou ativamente da festa.

Ademais, ressalta-se que a introdução de novos elementos na vida dessa comunidade não interfere apenas na vida daqueles que migraram, mas também daqueles que permanecem no campo, havendo uma negociação de sentidos e reelaboração de símbolos e signos, levando a constantes transformações em seus costumes e hábitos. Conclui-se que, mesmo com a expansão da comunidade para o meio urbano, sua identidade cultural foi mantida, como é o caso dos principais espaços de solidariedade interna, como o Galpão e a Cooperativa, bem como os de contatos interétnicos, como a igreja, a Festa do Rosário e a feira.

Em resumo, a obra retrata a complexa dinâmica de reconstrução da identidade quilombola, marcada por estigmas e estereótipos, mas também por espaços de fortalecimento comunitário. Além disso, o processo de reconstrução da identidade da comunidade está apoiado na memória de um passado isolado, sem sinais de uma reconstrução com elementos novos, como observado em outros projetos. Embora a localidade seja a marca mais forte do grupo, não se exclui a possibilidade de uma futura consciência de raça, prevalecendo, no momento, uma consciência étnica.



Por fim o livro apresenta uma instigante análise sobre as transformações recentes ocorridas na comunidade quilombola do Talhado. Apesar das dificuldades persistentes, é notável o avanço na conquista de direitos pela população local, sobretudo após a tragédia envolvendo Maria do Céu. A ressignificação desse evento como símbolo de força demonstra a capacidade de superação da comunidade. Juntando tudo que foi descrito, a obra retrata a paisagem quilombola atual e aborda as políticas públicas implementadas, que trouxeram visibilidade e melhorias na qualidade de vida.

Atualiza, ainda, a mudança de mentalidade dos moradores, com a consolidação da identidade quilombola, tanto no território rural quanto na área urbana. Em síntese, o capítulo final do livro oferece um panorama detalhado das transformações e desafios enfrentados pela comunidade do Talhado, e atualiza a pesquisa anterior, de 1998, descrevendo os desafios enfrentados pela comunidade quilombola do Talhado na Paraíba desde então.

Vale destacar que tanto a dissertação em 1998, quanto a pesquisa em 2022 são fontes de informação rica e sugestiva, que instiga um necessário aprofundamento, para compreender a complexa realidade da comunidade do Talhado. É importante levarmos em consideração que a primeira pesquisa se deu em 1998, quando a comunidade ainda não tinha o reconhecimento do seu território quilombola por parte do Estado.

Mesmo diante das limitações, é possível ter, no livro de José Vandilo dos Santos, referências teóricas importantíssimas para obras acadêmicas posteriores a respeito do Talhado, inclusive fornecendo base teórica para a tese de doutorado de uma *talhadina*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. **Talhado: um estudo de organização social e política.** Dissertação de Mestrado. UFRJ. 1975.

LIMA, Elizabeth C. de Andrade. **Etnicidade e relações Interétnicas - Algumas Notas Acerca da Teoria.** Caderno de Ciências Sociais, N° 03, UFPB. 1992.

SANTOS, José Vandilo dos. **Negros do Talhado: estudo sobre a identidade étnica de uma comunidade rural.** Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia Rural. Campina Grande/PB: UFPB, 1998.

